

MARIA VELEDA

MARIA CAROLINA

FREDERICO CRISPIM

(1871-1955)

Maria Veleda, uma mulher de nome singular que se destacou na defesa da emancipação da mulher e na propaganda dos ideais republicanos, que envelheceu e morreu sozinha e cujo trabalho desenvolvido se afundou nas trevas do esquecimento.



Maria Veleda nasceu em Faro a 26 de Fevereiro de 1871, filha de João Diogo Frederico Crispim, oriundo de uma família inglesa de comerciantes e de Carlota Perpétua da Cruz Crispim.

Aos quinze anos começa a dedicar-se ao professorado a fim de ajudar sua mãe e um irmão mais novo.

Aos dezanove fez a sua estreia literária num jornal provinciano *O Distrito de Faro*, e a partir daí a sua actividade literária não pára, colaborando na imprensa de todo o país.

De início as suas produções em prosa e em verso revestiram-se de um carácter meramente literário, mas a pouco e pouco nota-se um amadurecimento nas suas ideias.

É, no entanto, em Lisboa, onde se fixa em 1905, após um percurso sinuoso por terras alentejanas, que Maria Veleda se vai afirmar.

Agarrando com ambas as mãos todo o trabalho onde pudesse angariar sustento para sua mãe e dois filhos, um natural e outro adoptivo, Veleda consegue ultrapassar os primeiros tempos na capital, leccionando

num asilo e alimentando-se numa cozinha económica, até alcançar um lugar um pouco melhor como professora interna num colégio da Baixa. Todavia o salto dá-se por um mero acaso e, de repente, Veleda vê-se como professora regente no Centro Escolar Dr. Afonso Costa, sito na Calçada de Arroios.

É no desempenho destas funções que vai ter possibilidade de se familiarizar com alguns republicanos e ter acesso a jornais como *O Século* e *A Vanguarda*, cuja leitura até então lhe tinha sido vedada por motivos económicos, tomando contacto com artigos de Ana de Castro Osório e Olga de Morais Sarmiento, por exemplo, sobre os problemas feministas, que a vão arrastar e fazer encetar uma campanha em favor da emancipação da mulher.

Os finais do século XIX trouxeram para o palco português as lutas das mulheres, impregnadas de noções de liberdade e justiça, defendendo uma vida digna e uma maior participação da mulher na sociedade portuguesa.

Assim, em 1881 é criada a primeira Loja Maçónica Feminina – a Loja de Adopção Filipa de Vilhena – de efémera duração.

É no entanto, só no século XX que as mulheres portuguesas se voltam a agrupar em torno do G.O.L.U e criam lojas de adopção: a Humanidade, ligada à Loja Comércio e Indústria e a 8 de Dezembro à Loja Fernandes Tomás.

A Humanidade, vai dar um passo em frente, emancipando-se em 8 de Abril de 1907 e recebendo dois anos depois Carta Patente de Soberano Grande Capítulo de Cavaleiros Rosa - Cruz, quando a sua Venerável era Ana de Castro Osório.

É a este grupo que Veleda se vai ligar, sendo iniciada em 1907 e escolhendo como nome simbólico Angústias – facto que não deve ser estranho à peça que escreveu com o nome de Soror Angústias.

A sua ligação a este grupo, como o de outras mulheres, deve-se em certa medida a Magalhães Lima, grande defensor da emancipação das mulheres e do desenvolvimento do feminismo português que lhe abre as portas do jornal *A Vanguarda*, de que era director e é neste jornal que Veleda vai revelar as suas grandes capacidades jornalísticas.

Todavia, não foi apenas *A Vanguarda* a ter assinado artigos de fundo, e por vezes polémicos de Veleda, nos intervalos que lhe ficavam das suas ocupações profissionais escrevia artigos defendendo o desenvolvimento da mulher, incentivando-a à subtracção ao meio banal em que vegetava; desprezando o preconceito e incapaz de esconder o que lhe ia na alma, recusou-se sempre a ficar calada perante artigos que punham em causa a seriedade da luta feminina, indignando-se e ripostando violentamente.

Interessando-se por tudo o que a rodeava, Veleda começa a assistir a conferências e a sessões públicas, cuja assistência era composta exclusivamente por homens, onde a única figura feminina era bastante notada e por vezes acompanhada de comentários jocosos mas que não impediram Veleda de continuar a assistir e é, através desta assiduidade que começa a ser apresentada a revolucionários como Magalhães Lima, Manuel de Arriaga, Bernardino Machado, António José de Almeida, França Borges e tantos outros com quem vai posteriormente trabalhar na campanha eleitoral.

Não se pense contudo que Veleda escreveu apenas artigos feministas “tout court”, esses artigos que reflectiam sem dúvida o empenho no desenvolvimento da mulher eram frequentemente artigos de uma profundidade política que mostravam o interesse com que Veleda seguia e participava na vida do seu país. Ao colaborar em diversas sessões de propaganda a pedido de colectividades e ao escrever nos jornais, não se escusava a denunciar as questões mais prementes e difíceis que atravessava Portugal com a monarquia e com João Franco.

Sendo uma defensora acérrima da educação da mulher, como única forma de entrar no caminho das reivindicações e de se tornar livre contra a ignorância e a fácil instrumentalização pelo homem, Veleda vai juntar a teoria à prática e vai abrir dois cursos nocturnos gratuitos para ensinar as mulheres a ler.

Naquele tempo, eram interditas às mulheres quaisquer profissões liberais, excepto a medicina, o magistério primário, assim como as repartições públicas, estas não tinham por conseguinte maneira de se libertar da escravidão da rotina, entre o professorado primário, a medicina e a vida doméstica.

Das mulheres que exerciam a medicina na altura conhecem-se apenas Emília Patacho, Amélia Cardim e, mais tarde Adelaide Cabete e Carolina Ângelo. Poucas mais no professorado e as restantes eram educadas exclusivamente para arranjar marido, mostrando-se indiferentes a tudo o mais.

Como podiam estas mulheres educar os seus filhos, ter influência nas gerações modernas, se viviam numa ignorância incomensurável?

Como podiam estas mulheres caminhar e sair e sair das trevas, vergadas ao peso brutal da taxa de 98.6% de analfabetismo?

Talvez por isso o cavalo de batalha de Veleda e de todas as feministas seja o da educação, com o intuito de as estimular, fazê-las perceber que têm um papel a desempenhar, como companheiras do homem, como educadoras e como cidadãs. Como é possível que a mulher ouça dizer que tem de ficar em casa, pois é um ente fraco, quando o homem, por mais devasso e estúpido que seja, pode ser eleitor e elegível?

Os anos de 1907 e 1908 vão ser anos difíceis de ódios e de insatisfação generalizados que culminaram no regicídio. Os deputados republicanos, atentamente vigiados pelos guardas municipais denunciam a situação; as galerias de S. Bento sempre a deitar por fora, com algumas mulheres entre a assistência,

fazem com que surja a ideia a Ana de Castro Osório e, sobretudo, a António José de Almeida de se formar uma colectividade exclusiva feminina e de carácter republicano, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, que servisse para aglutinar essas mulheres dispersas sem uma linha de rumo, sem um plano de organização.

Ana de Castro Osório alvitra o nome de Veleda para a comissão organizadora, ao que A. J. de Almeida se opôs, por considerar que Veleda “era demasiado vermelha” e poderia por isso mesmo intimidar as mulheres até certo ponto conservadoras que pretendessem ingressar na Liga.

Segundo Veleda, as mulheres daquele tempo empenhavam-se mais pela vitória da República por amor aos homens da sua família do que propriamente pelas suas próprias convicções: Ora isto ia contra a propaganda de Veleda que defendia a República emancipadora da mulher escravizada pelo preconceito, algemada, submetida à tirania dos mais fortes.

Por isso Veleda não aparece ligada à fundação da *Liga*, dando-lhe no entanto todo o seu apoio quer como sócia fundadora quer como propagandista.

Continua a escrever com o mesmo ardor, participando lado a lado com o homem, cheia de esperança no futuro, na República que iria solucionar todos os podres da Nação. Instrução obrigatória e gratuita, protecção à mulher e à criança, sufrágio universal, participação activa das mulheres na vida política e admissão ao Parlamento.

Pois não estavam elas a apoiar e a trabalhar com os revolucionários, a desbravar o caminho que iria dar lugar à República?

Até que esse dia chegasse, Veleda começa a pôr em prática algumas dessas ideias e, ligada à *Liga*, vai criar a *Obra Maternal*, instituição a que vai presidir e que tem como objectivo a protecção à criança desvalida.

Traduz obras francesas, entre as quais um episódio dramático de Nelly Russel que vai representar em Fevereiro de 1910, com o título de “Escrava”, no teatro Etoile, situado na Calçada da Estrela, cujo personagem principal central era a Mulher, escrava secular – representada pela própria Veleda – algemada entre a Igreja e a Sociedade que debalde lhes suplicava a sua libertação.

O sucesso desta representação foi enorme: entre a assistência os republicanos mais conhecidos e as senhoras da *Liga*. Escusado será dizer que esta peça só voltou a ser representada mais tarde, concretamente três anos depois, no Teatro República, hoje denominado Teatro S. Luís e foi o Hino Nacional que acompanhou a entrada da Revolta.

A Revolução Francesa, a luta das sufragistas inglesas, as conquistas das mulheres finlandesas e suecas no âmbito da igualdade dos sexos e no exercício das profissões e o movimento feminista universal

chegam a Portugal e são divulgados na imprensa; os republicanos congratulam-se com essas conquistas e estimulam as portuguesas a continuar com a sua obra.

Todavia estas questões fundamentais só seriam possíveis para Veleda com a independência económica da mulher.

A mulher que alcance direitos políticos e civis, mas que continue dependente economicamente, continua a ser oprimida e limitada: recebe o que lhe dão sem ter a noção do que vale.

É fundamental, segundo Veleda, que a mulher entre no mundo do trabalho, tome decisões e se torne independente aceitando apenas o homem como companheiro e não como garantia do sustento e de luxos.

E não era esta a própria vida de Veleda?

A trabalhar sem parar desde os quinze anos, optando pelas ideias que lhe pareciam certas, entusiasmando-se com o seu trabalho e ... mãe solteira.

Implantada a República, a *Liga* tinha terminado a sua missão de propaganda. Era necessário aguardar os acontecimentos e desenvolver os trabalhos em favor da emancipação da mulher, sendo o ponto prioritário conseguir-se o voto para as mulheres, atendendo a que, logo que elas tivessem assento no Parlamento, poderiam obter mais vantagens.

E quem mais poderia ajudar as senhoras senão o fundador da *Liga* e agora o 1º ministro do Interior? António José de Almeida respondeu às justas aspirações com alguma reserva considerando que as mulheres portuguesas não estavam ainda devidamente preparadas para se envolverem nos destinos da Nação. Brito Camacho n' *A Luta* e Machado Santos n' *O Intransigente* alfinetavam também contra as pretensões das chamadas sufragistas, e da parte de alguns republicanos notava-se um grande retraimento.

Veleda reconhece que A.J. de Almeida tinha alguma razão mas não compreendia como era possível que qualquer homem pudesse ser eleitor e se negasse o mesmo direito a mulheres instruídas, cultas, com bastantes responsabilidades, como as chefes de família, proprietárias, empregadas comerciais, professoras, médicas, etc. etc., sendo por isso criticada pela sua prosa, em moldes idênticos aos utilizados pouco tempo antes pela imprensa anti-republicana.

Um ano após a implantação da República, a *Liga* continuava com a política pró -feminista, através da revista *A Mulher e a Criação*, orientada por Ana de Castro Osório, onde Veleda colaborou com alguma frequência. Contudo a *Liga* debatia-se entre duas facções: a conservadora em torno de Ana de Castro Osório e a revolucionária em torno de Veleda, vislumbrando-se um descontentamento na associação que leva a direcção a demitir-se e a fazerem-se novas eleições que dão a vitória a Veleda. A nova direcção

substitui *A Mulher e a Criação* pelo jornal *A Madrugada*, que vai ser durante uns tempos o arauto das reivindicações da mulher mas que pouco produziu de concreto em benefício da emancipação feminina.

A posição que marca a liderança da *Liga*, tendo frente a frente Ana de Castro Osório e Veleda, não quer dizer que as pretensões de ambas não sejam comuns, nem que não pugnassem as duas pela emancipação da mulher.

Ana de Castro Osório era mais moderada a apresentar as reivindicações, mais crente nos homens da República, mais apaziguadora em suma.

Veleda, pelo contrário, era bem mais emotiva a expor as suas ideias e a reivindicar o cumprimento das exigências da mulher, descrente dos republicanos que, quando precisaram das mulheres, as chamaram para o seulado, incitando-as para o combate da causa comum e, no “poleiro”, votaram-na ao esquecimento, desprezando a sua colaboração

No que diz respeito a apoios do Estado em relação à *Liga* e sobretudo à *Obra Maternal* eram nulos. As ideias de Veleda eram sempre dignas de aplauso mas na prática não eram acolhidas com grande simpatia.

Daí que para ir para a frente com a *Obra Maternal*, instituição que lhe era particularmente cara, Veleda escreve peças de teatro, que representa com o objectivo de angariar fundos que lhe permitissem combater a mendicidade infantil e a prostituição que tinham alastrado após a implantação da República.

Ao pôr de pé uma peça que abraçava o divórcio, em Maio de 1912, Veleda recebe cartas anónimas com palavras ameaçadoras.

Todavia continua na sua nova actividade desnudando no palco situações frequentes em Lisboa: a prostituição, o proxenetismo e o aborto que não eram apreciados pelo público feminino que acompanhava o final das peças com um silêncio glacial. Mas essa frieza não vai desmoralizar Veleda, pelo menos por então, no trabalho em que se empenhou.

N’ *A Madrugada* responde a provocações, comenta, a propósito de afirmações sobre a falta de educação moral e cívica das mulheres, combate a autoridade marital e defende a tarefa da educação mútua do homem e da mulher sem pruridos de superioridade, em prol da emancipação humana.

Agora afastadas da luta, começam a desagregar-se em vez de unirem; alguns chefes republicanos aludem às senhoras com piadas e alusões constrangedoras, excepto Afonso Costa que como ministro da Justiça em 1910 foi dos que mais trabalhou pela dignidade das mulheres: estabeleceu o divórcio para todos, considerando marido e mulher iguais no que respeitava aos efeitos do divórcio; casamento civil obrigatório com direitos iguais para ambos os sexos no casamento e decretos que protegiam os direitos

legais dos filhos (nos casos de legitimidade, adopção e ilegitimidades): leis em vigor, que nem sempre foram cumpridas e que, mais tarde, vão ser negadas.

As organizações começam a dissolver-se: primeiro foi a *Obra*, por falta de verba, depois a *Liga*; ainda tentam por de pé a *Associação Democrática Feminina* mas que teve um curto caminho.

Veleda desenganada das suas aspirações libertadoras, afasta-se da política a partir de 1915, dedicando-se, até 1941, à sua missão de amiga das crianças, como delegada da Tutoria Central da Infância, afastando-se também da Maçonaria.

As desinteligências, entre Ana de Castro Osório e Adelaide Cabete, mantêm-se e vão repercutir-se negativamente na história do feminismo em Portugal.

Com muitos pontos comuns em relação aos direitos da mulher, os pilares do feminismo trabalharam muito pouco em conjunto, por estranho que pareça.

As mulheres empenhadas em conquistar o lugar que lhes competia não eram assim tantas e o caminho a desbravar era assaz espinhoso, para que trabalhassem independentemente.

Das feministas históricas permaneceu ainda viva Maria Veleda até 1955, mas afastada de qualquer actividade e completamente desinteressada pela antiga luta travada. Nas suas Memórias, publicadas no jornal *República*, entrevê-se um certo saudosismo do passado e simultaneamente uma mágoa pelas injustiças que as mulheres portuguesas sofreram depois de tanta expectativa com a República.

H.V.
Loja África

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, F. Marques, *A Maçonaria Feminina*, Lisboa, Editorial Veja, s.d.
- LIMA, Magalhães, *Episódios da minha Vida*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.d.
- MARQUES, A.H. de Oliveira, *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, Lisboa, Editorial Delta, 1986.
- VELEDA, Maria, Memórias, in jornal *República* 195
- Jornais:
A Madrugada, A Folha, A Luta, O Intransigente, A Vanguarda, Republica...